

UMA TENTATIVA DE GRAMÁTICA DO TEXTO NARRATIVO

Maria da Glória Bordini
Docente da UFRGS
Mestranda em Letras da PUCRS

AS GRAMÁTICAS TEXTUAIS

As chamadas gramáticas textuais, que se propõem a explicitar regras para a geração de todos os textos bem formados de uma língua, são um fenômeno recente nos estudos lingüísticos, datando da década de 60. Embora sua origem remota esteja no distribucionalismo estruturalista de Pike e Harris, que se ocupou, pela primeira vez na Lingüística, com a análise de unidades superiores à frase — se bem que limitando-se a verificar esquemas de recorrência de itens lexicais em frases consecutivas¹ — devem sua fundamentação definitiva à Gramática Gerativo-Transformacional, cuja metodologia hipotético-dedutiva revolucionou os atuais modos de pensar os diversos sistemas semióticos.

A Lingüística Gerativa² se dedica especificamente à descrição das estruturas frásicas, postulando um conjunto de regras explícitas para a sua produção, baseado na competência do falante, ou seja, no conhecimento intuitivo que ele possui de sua língua e que lhe permite identificar frases gramaticais e agramaticais. Esse conjunto de regras constitui a estrutura profunda do processo de formação do enunciado frásico, a qual, preenchida de componentes lexicais, resulta na frase enunciada, ou estrutura de superfície.

Na primeira fase dessa gramática de Chomsky, o componente da estrutura profunda era meramente sintático. Os lingüistas Katz e Fodor³ lhe acrescentaram o componente semântico, do qual, através de regras de transformação lexicais e sintáticas, seriam superficializadas as frases propriamente ditas, superando, assim, um dos problemas mais sérios do gerativismo inicial, qual seja, o fato de que a regra sintática podia formar tanto frases semanticamente aceitáveis, como inaceitáveis (por exemplo, "Os meninos andam" e "As pedras andam").

Todavia, a *Linguística Gerativo-Transformacional*, apesar de chamar à atenção os componentes léxico-sintáticos e semânticos da frase, não ultrapassa essa unidade mínima do discurso, considerando a este simplesmente como uma longa frase derivável por encaixes ou concatenações repetidas ou como enunciado realizado e não virtual e formal, passível de se tornar objeto de uma gramática do texto.

Foram os *lingüistas* alemães, como Schmidt,⁴ que repensaram a questão e definiram o caráter formal das relações entre as frases, tornando-as objeto de uma análise abrangente, que dá conta tanto de seus aspectos mentalistas como contextuais. Através da *Linguística Pragmática*, que dá conta dos sistemas subjacentes ao uso da língua pelo falante em situações de comunicação, um novo horizonte se abriu para uma teoria do texto.

Pelas investigações da *Pragmática*, constatou-se que o falante possui não apenas uma competência *lingüística*, mas uma competência comunicativa, que lhe permite selecionar os discursos aceitáveis no ato de comunicação, tendo em vista os efeitos que tenciona exercer sobre o ouvinte. Assim, é possível prever-se a gramaticalidade dos enunciados, levando-se em conta as categorias emissor/receptor, o conhecimento que ambos têm da língua, o contexto da comunicação e sua situação específica (tempo e lugar da enunciação), pressuposições que um faz sobre o outro nessa situação, intenções e expectativas de ambas as partes, o que define os tipos de enunciação e as condições de sua utilização: afirmação, interrogação, etc.

A importância de tais achados para as teorias do texto que informam as diversas gramáticas textuais modernas é que vinculam o componente semântico (*lingüístico*) ao referencial (real, intencional, imaginário ou abstrato) ao considerar-se a produção de um texto, estabelecendo o necessário traço de ligação entre linguagem e mundo, o qual as demais *lingüísticas* sempre ignoraram ou, como no caso de Halliday⁵, admitiram sem se ocuparem do seu lado formal.

Os aspectos naturais das relações entre as frases têm preocupado os pesquisadores não só alemães, mas franceses e norte-americanos. Modelos elaborados na década de 70 têm buscado explicitar tais relações, originando conceitos tais como pronominalização, definitivização, progressão temático-remática, pressuposição e inferência, etc., que constituem os primeiros esboços de regras subjacentes ao discurso, as quais

permitiriam produzir/interpretar um número infinito de enunciados eficazes.

A maior parte das tentativas de gramáticas textuais se desenvolve dentro das *lingüísticas* estruturais e gerativas, procurando descrever o nível microestrutural do discurso, ou seja, a concatenação das frases. Como as relações entre conjuntos maiores de frases, ou seja, textos, atingem um grau de complexidade muito elevado, poucos *lingüistas* se ensaiaram em formular regras a nível macroestrutural, tarefa que tem sido empreendida de preferência pelos cientistas da literatura, em especial na área da narrativa artística.

No campo da *Linguística*, ao nível microestrutural, já se estabeleceram várias regras para a conexão das frases, que se responsabilizam pela coerência textual de superfície. São elas, numa visada geral e sumária:

- Os grupos nominais não podem ser definitivizados senão quando o receptor do enunciado comunicativo conhece o referente do substantivo. Um tal grupo nominal pode ser continuado na frase seguinte por pronominalização ou substituição lexical, desde que haja uma condição semântica de equivalência e uma condição referencial de identidade ou semelhança;
- Os grupos verbais (ações, processos, estados, acontecimentos denotados por verbos) devem ser encadeados nas frases por dedução e indução, obedecendo a uma lógica temporal, superficializada pelos advérbios e tempos verbais.

Ao nível semântico, essas relações se explicam pelo princípio da pressuposição, que ordena cada nova frase ao conjunto de frases precedentes, através de implicações lógico-semânticas tais como causa-efeito, etc. Esta é a base da progressão do discurso, descrita através das noções de tema e rema,⁶ sendo o primeiro o grupo nominal que possui relação anafórica com a parte precedente do texto e o último a predicação desse grupo. Se a relação anafórica recai sobre o grupo verbal, então o grupo nominal será o elemento de novidade.

Tais regras microestruturais, entretanto, não esgotam a coerência textual no seu todo. Há relações que ultrapassam o plano interfrásico e que são designadas como a macroestrutura do texto, que corresponderia a sua estrutura profunda, um conteúdo global que determinaria a formação das representações semânticas de todas as frases encadeadas. O problema

parece ser a especificação de regras de geração dessas macroestruturas e de regras de transformação destas em seqüências frasais de superfície. A hipótese é de que exista uma homologia entre as macroestruturas textuais profundas e as da frase. Assim, os modelos empregados para descrever as representações semânticas das frases serviriam também para as da macroestrutura.

UM MODELO DE GRAMÁTICA DA NARRATIVA: O DE VAN DIJK

Uma gramática que se proponha a descrever um subconjunto da categoria geral dos textos tal como a narrativa deve indicar as regras que a engendram, o que tem sido feito por pesquisadores da área da Literatura, desde Vladimir Propp a A. J. Greimas, mas tem sido negligenciado pelos lingüistas.

Na pesquisa literária, Propp⁷, um etnógrafo ligado à Escola dos Formalistas Russos, ramo do Círculo Lingüístico de Moscou de 1915, alcançou realizar, através de um levantamento da constituição dos contos folclóricos russos, uma verdadeira morfologia da narrativa, isolando os padrões de repetição das ações contidas em cada história e classificando-os por operadores semânticos conforme as funções que exerciam para o progresso do texto. A função, em seu modelo, é a unidade mínima geradora da narrativa. Ele levanta um número de 31, que o narrador pode ou não utilizar e que formam o esquema virtual das possibilidades de desenvolvimento. Essas funções são desempenhadas pelos sujeitos das ações, normalmente descritos como personagens, mas que nesta morfologia são apenas o suporte de cada função, podendo, portanto, exercer diversos papéis cada um. O desenvolvimento da narrativa é determinado pela ordem invariável das funções, que se implicam mutuamente.

A partir do modelo pioneiro de Propp, os estruturalistas franceses, entre eles Roland Barthes, Greimas e Bremond, inspirados pela noção de estrutura proposta à explanação dos mitos por Lévi-Strauss,⁸ sugeriram várias modalidades de análise do sistema relacional da narrativa, ora comparando-o ao da frase, como Barthes⁹ e descrevendo-o em níveis sintáticos e morfológicos (sujeito-predicado, nome-verbo, personagem-ação), ora, como Bremond¹⁰ e Greimas¹¹, apegando-se à morfologia proppiana, mas investida de um nível de formalização semântica bem mais sofisticado, distinguindo atores e ações de atuantes e funções, os primeiros pertencentes à estrutura de superfície da narrativa, os segundos à de profundidade, combinados estes últimos em oposições paradigmáticas.

Dentro das investigações de caráter lingüístico, a de Teun A. Van Dijk¹² é a que apresenta um estágio de formalização mais rigoroso. O lingüista holandês tenta unificar as teorias narratológicas existentes, obedecendo a seu estatuto empírico. Como observa que há veículos diversos para a narração, adverte que seu modelo se restringe à narrativa verbal.

Para chegar às fórmulas gramaticais da narrativa, mobiliza os seguintes recursos: um conjunto de termos primitivos (personagem, ação, acontecimento), um conjunto de termos definidos, um conjunto de regras de geração (que estabelece quais séries de termos primitivos e definidos são bem formadas), um conjunto de regras de transformação (por dedução), um conjunto de axiomas (que representam as expressões primitivas) e um conjunto de símbolos técnicos. Através desses elementos, erige, pois, um modelo experimental calcado na lógica modal e na teoria dos conjuntos, que busca explicitar a sintaxe geral de qualquer tipo de narrativa.

Em traços gerais, seu modelo é o seguinte:

Simbolos empregados

\in = pertence

U = união

\rightarrow = implicação

\Leftrightarrow = equivalência

$-$ = negação

\supseteq = maior ou igual a

$\&$ = conjunção (e)

\vee = disjunção (ou)

\exists = operador existencial (existe)

Definição 1: "Uma estrutura narrativa (ou uma narrativa) é definida por um conjunto E, cujos elementos são chamados acontecimentos, e uma operação binária Prec, chamada **preceder**, sobre esse conjunto." (p. 217)

Axioma 1: "Prec é transitiva" (p. 217)

Axioma 2: "Prec é assimétrica (p. 217)

Axioma 3: "Se um subconjunto E1 preceder um subconjunto E2 então todo elemento de E1 precederá todo elemento de E2." (p. 217)

Assim, uma narrativa requer um ou mais conjuntos de acontecimentos acionados por uma relação de precedência, em que os acontecimento se sucedem e se diferenciam mutuamente. A seguir, definem-se as relações de seqüência e contigüidade:

Definição 2: "Seguir (x,y) = def. Prec (y,x)." (p.219)

Definição 3: "Cont (x,y) = def. -Prec (x,y) & -Seguir (x,y)" (p. 219).

Teorema 1: "Se um acontecimento e₁ preceder um acontecimento e₂ e se um acontecimento e₂ seguir e₃, então e₁ precederá e₃." (p. 219)

Portanto, não só acontecimentos mas vários conjuntos destes se regem pelas relações já explicadas.

Definição 4: "Uma estrutura narrativa N é caracterizada por pelo menos uma relação de consequência (cons.) sobre o conjunto E". (p. 219)

Axioma 4: "Cons. é assimétrico" (p. 220)

Axioma 5: "Cons. é intransitivo" (p. 220)

Axioma 5: "Cons. é intransitivo" (p. 220)

Axioma 6: "(x) (y) [Cons (x,y) → Seguir (x,y)]" (p. 220)

Teorema 2: "Se um conjunto de acontecimentos S é causado por um acontecimento e, todo elemento p ∈ S segue e." (p. 220)

Vê-se, pois, que para haver uma narrativa, não basta que os acontecimentos se sucedam, mas é preciso que necessariamente um deles seja consequência dos outros dentro do conjunto. Evidentemente, o acontecimento causador deve anteceder o(s) causado(s).

Definição 5: "Todo elemento e do conjunto E é um predicado n-ário (portanto um conjunto de n-tuplos ordenados [n-uplas ordenadas?] (ou n ≥ 1) entre os elementos de uma classe A chamados os atuantes." (p. 221)

Definição 6: "C = def. P ∪ H ∪ F, onde P representa a classe dos processos, H a classe das ações e F a classe das propriedades (ou estados)." (p. 221)

Definição 7: "A = def. A_H ∪ A_V, onde A_H é a classe dos atuantes [humanos, A é a classe dos atuantes] inanimados ou objetos e A_V a classe variáveis espaço-temporais (A_V = def. A_{Vt} ∪ A_{Vl})." (p.221)

Ou seja, todo o acontecimento de uma narrativa é um predicado simples ou múltiplo de um atuante que pode ser um ser humano, um objeto ou uma circunstância de tempo ou lugar. Este predicado será um processo, uma ação ou uma propriedade associados ao atuante.

Axioma 7: "Numa estrutura narrativa N , que consiste numa seqüência S ordenada de predicados $\langle R_1, R_2, \dots, R_n \rangle$:

$$(\exists x) [x \in S \rightarrow x \in H] \text{ " (p. 221)}$$

Axioma 8: "Do mesmo modo, para pelo menos um conjunto V ordenado $\langle a_1, a_2, \dots, a_n \rangle \in R$:

$$(\exists x)[x \in V \rightarrow x \in A_h] \ \& \ (\exists y)[y \in V \rightarrow y \in A_{vt}] \\ \& \ (\exists z)[z \in V \rightarrow z \in A_{vt}] \text{ " (p. 221)}$$

Definição 8: "Chamaremos agente todo agente humano (x) que realize uma ação (h): Real (x, h)." (p. 222)

Definição 9: "Chamaremos paciente todo agente humano (y) para o qual exista um agente (x) que realize uma ação (h) com relação a esse agente humano: Real (x, h, y)." (p. 222)

Desta forma, o acontecimento pertencente à seqüência narrativa implicará um agente humano, agindo no espaço e no tempo. Entre esses agentes haverá agentes e pacientes, conforme a relação estabelecida pelo predicado.

Regras de reescrita

- 1) $N \rightarrow e_1, e_2, e_3, \dots, e_n \ (n \geq 2)$
- 2) $e_1 \rightarrow p(a_1, a_2, a_3, \dots, a_m) \ (m \geq 3)$
- 3) $p \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} \text{processo} \\ \text{ação} \\ \text{estado} \end{array} \right\}$
- 4) $a_1 \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} \text{humano} \\ \text{inanimado} \end{array} \right\}$
- 5) $a_2 \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} \text{humano} \\ \text{inanimado} \end{array} \right\}$
- 6) $a_{m-1} \rightarrow t_i$
- 7) $a_m \rightarrow l_i$

Hipóteses não demonstradas:

- A presença do agente humano é necessária.

- " $T \rightarrow (\text{Prop})^n \ n \geq 5$ " (p. 225)

em que Prop $\rightarrow \left\{ \begin{array}{l} \text{introdução} \\ \text{complicação} \\ \text{ação} \\ \text{resolução} \\ \text{conclusão} \end{array} \right\}$

Esse modelo de Van Dijk, conforme o próprio autor reconhece, contém uma série de lacunas, como a não-exaustibilidade, a ausência de regras transformacionais da estrutura profunda para a de superfície, lacunas essas que se devem ao conhecimento ainda incipiente e especulativo da Linguística Textual sobre a macroestrutura dos textos. Entretanto, comprova a possibilidade da formulação rigorosa de regras para a narrativa através da lógica matemática, num enfoque gerativo-transformacional, de modo a poderem ser previstas as narrativas bem formadas de uma língua.

Partindo-se das constatações de Van Dijk, poder-se-ia simplificá-las num modelo operacional, que apresentasse os componentes e combinações do sistema narrativo de forma visível, incorporando os aspectos léxico-semânticos dos textos individualizados, de modo a mostrar descritivamente sua (a)gramaticalidade.

Um tal modelo, em teoria, deveria ser aplicável a qualquer narrativa, artística ou não, e possibilitaria a verificação das condições estruturais de qualquer texto narrado, com evidentes implicações didáticas. Para atingir essa finalidade, todavia, será preciso concentrar as definições, axiomas e teoremas sugeridos por Van Dijk, a fim de que se possa configurar um instrumento analítico pouco complexo, passível de utilização por não-iniciados em lógica matemática.

Revedo a teoria do pesquisador holandês, poder-se-iam delinear os seguintes requisitos para a existência de uma narrativa bem formada:

- Para haver uma narrativa é necessário um conjunto de dois ou mais acontecimentos;
- Os acontecimentos formam o vocabulário da narrativa;
- Os vocábulos-acontecimentos se combinam em seqüências através de relações lógicas, a saber, precedência, seqüência, contigüidade;
- Para que a narrativa progrida deve existir pelo menos uma relação de consequência entre os acontecimentos, que determina uma ordem necessária na sua seqüência;
- Cada acontecimento será entendido como um predicado de um atuante: diz-se algo de alguém;
- Os predicados poderão indicar processos, ações ou propriedades sendo superficializados por verbos de processo, ação ou estado;
- Pelo menos um predicado deverá ser de ação;
- Os atuantes poderão ser humanos, inanimados ou temporal-espaciais, desde que haja um número igual ou superior a três;
- Os atuantes são superficializados por nomes (próprios ou comuns) e por advérbios (tempo e lugar);
- Desses atuantes pelo menos um terá de ser humano e este será agente e/ou paciente de uma ação;

- As seqüências de acontecimentos assim determinados serão combinadas por macrosseqüências, definidas semanticamente como introdução → complicação → ação → resolução → conclusão.

O quadro número 1 organiza esses elementos, de modo a explicitar a estruturação de uma narrativa. Sua operacionalização é relativamente simples:

- Alinham-se, por ordem de aparecimento no texto, os acontecimentos na coluna correspondente, descritos através de substantivos;
- Numeram-se as seqüências, agrupando os acontecimentos por ordem de precedência-seqüência, indicando os contíguos sob um traço na coluna "Seqüências";
- As seqüências são incluídas nas categorias da coluna "Macrosseqüências" por vetores à esquerda (←):

MACROSEQUÊNCIAS	SEQUÊNCIAS	ACONTECIMENTOS	PREDICADOS			ATUANTES				
			Processo	Ação	Propriedade	Humano	Inanimado	Tempo	Logar	
						Agente	Paciente			
Introdução										
→ Complicação										
→ Ação										
→ Resolução										
→ Conclusão										

↓ = Conseqüência

MODELO SIMPLIFICADO PARA ANÁLISE GRAMATICAL DE NARRATIVAS

- Cada acontecimento é desdobrado simultaneamente na coluna "Predicados", por um verbo inserido na classe que o descreve (processo-ação-propriedade) e na coluna "Atuantes", por nome próprio (ou pronome) ou um nome comum, na classe a que pertence.
- As categorias ou classes não preenchidas pelos componentes da narrativa ficarão sinalizadas por um traço (—);
- As categorias e classes preenchidas agramaticalmente pelos componentes da narrativa serão indicadas por um X;
- Os componentes não superficializados, mas não obstante implícitos na narrativa, serão assinalados por parênteses ().

A descrição assim obtida poderá proporcionar bases para uma análise e interpretação da narrativa, isoladamente ou em cotejo com outras também descritas segundo o modelo. A análise pode ser efetuada pelos indicadores: presença/ausência, freqüência, ordem ou concorrência. A interpretação buscará explicar as relações entre os componentes e níveis de articulação dos mesmos, estabelecendo suas significações.

APLICAÇÃO DO MODELO SIMPLIFICADO

Para a testagem e validação do instrumento de análise acima apresentado, delimitou-se um **corpus** de redações narrativas, realizadas por uma turma de alunos do 3º ano do 2º Grau, em número de 46, de um curso noturno pertencente a uma escola da rede particular de ensino, em Porto Alegre, RS.

O professor da referida turma foi o aplicador do exercício de redação, tendo proposto aos alunos o tema "Visita a um amigo". Suas instruções foram no sentido de que o tema fosse desenvolvido sob forma narrativa, relatando uma visita realmente acontecida. Nada foi explicado quanto à estrutura de uma narrativa, mencionando-se apenas que seus elementos característicos são a existência de personagens e de uma ação desenvolvida.

Do **corpus** assim obtido o próprio aplicador selecionou doze redações por critério de sexo e idade (sexo masculino e 18 anos). Tendo-se, desse modo, homogeneizado a amostra, foram sorteadas das doze redações apenas cinco, que aparecem neste trabalho, identificadas com letras maiúsculas pela ordem de sorteio.

NARRATIVA A

Visita a um amigo

João, um rapaz solteiro de 23 anos, domiciliado nesta capital um dia se vê em um apuro ceríssimo, devido a uma grande dívida que possuía. Resolve então procurar ajuda financeira a um amigo, este chamado Pedro.

Saiu de sua casa, na rua Silvério número 32 e dirigiu-se à rua Silveira número 23, casa de seu amigo. Chegando lá, João entrou como quem realmente viesse visitar um amigo e não "morder" um amigo.

Pedro ficou contentíssimo em vêr aquele amigo de infância, que vivia pedindo a ele bolitas de gude emprestado.

Depois de forte abraço, Pedro apresentou a João sua esposa Margarida.

Logo que foram feitas todas as confraternizações, os amigos se pararam a relembrar os lindos tempos passados, tempo em que realmente se julgavam amigos inseparáveis, coisa que não durou muito tempo. Falavam e falavam, até que um assunto mudou completamente o ambiente amigável, pois esse assunto era sobre finanças. E aí estava o ponto em que João queria chegar.

Falava-se de inflação, de dolar, de cruzeiro, de desvalorização, mas de dívidas nunca ninguém "se apitava", nem João pois estava com medo de falar ao amigo,

Já estava ficando tarde e nada de João pedir ao amigo uns "cobres emprestados". Até que então, Pedro lembra-se de uma data que nem o próprio João não se lembrava, a data era o dia de hoje, quero dizer, o dia em que houve esta inesperada visita à casa de Pedro. Mas afinal o que vêm a ser o dia de hoje? O aniversário de João.

Pedro aborrecido com João por não ter lhe avisado antes, para poder comprar um presente para o amigo, resolveu dar-lhe quinhentos cruzeiros para João comprar o presente que quisesse.

João foi para casa boquesaberto, e até hoje não consegue explicar que sorte foi essa, que ele nunca teve.

Fim

QUADRO Nº 2

NARRATIVA A

MACROSEQUÊNCIAS	SEQUÊNCIAS	ACONTECIMENTOS	PREDICADOS		ATUANTES					
			Ação	Propriedade	Agente	Paciente	Inanimado	Tempo	Lugar	
1. Introdução ←	1. Prec	1. Dívida	-	Por 23 anos ser solteiro (ver-se em apuros)	-	João	João	Dinheiro	um dia	nessa capital
	Seq	2. Busca de dinheiro	Resolveu procurar	-	João	Amigo (Pedro)	-	-	então	(idem)
	Seq	3. Saída	Sair	-	João	-	-	-	(idem)	(idem)
	↓	4. Viagem	Dirigir-se	-	João	Pedro	-	-	-	-
	2. Prec	5. chegada	Entrar	Parceiro amigo	João	Pedro	Pedro	-	-	-
	↓	6. Análise	Ficar	-	Pedro	Pedro	-	-	-	-
	Seq	7. Apresentação	Exibir	-	Pedro	João	João	-	-	-
	↓	8. Conversa sobre amizade passado	Apresentar	-	Pedro	João	João	-	-	-
	3. Prec	9. Conversa sobre dinheiro	Relembra	Seu amigo	João	João	João	-	-	-
	Seq	10. Falta de ânimo	Falar de M. Flação, etc.	-	João	João	João	-	-	-
2. Complicação ←	Seq		São pedir dinheiro	-	João	João	-	-	-	-
	Seq			-	João	João	-	-	-	-

MACROSEQUÊNCIAS	SEQUÊNCIAS	ACONTECIMENTOS	PREDICADOS		ATUANTES					
			Processo	Ação	Propriedade	Humano		Inanimado	Tempo	Lugar
						Agente	Paciente			
3. Ação ←	4. Proc X ↓ Seg	11. Lembrança do aniversário	-	Lembrar da festa de aniversário	-	Pedro	-	-	então	(Casa)
4. Resolução ←	5. Proc ←	12. Doação do dinheiro 13. Saída	-	Presentear com dinheiro Ir	-	Pedro	João	-	-	(Casa)
5. Conclusão ←	Seg	14. Surpresa	-	Não compreender sorte	-	João	-	-	até hoje	casas f. Silveira, 32

NARRATIVA B

Visita a um Amigo

Fui a casa de um Amigo, para convidá-lo a participar comigo e outros colegas, de um torneio de futebol de salão. Que se realizaria no bairro Passo d'Areia, no sábado as cinco horas, onde moro.

Peguei o ônibus e desci no bairro Floresta; eram umas duas horas.

Bati na porta, sua mãe gentilmente me recebeu:

- Oi Menote como vai;
- Tudo bem, e a senhora?
- O Clóvis está?
- Sim, ele está doitado, respondeu.
- A essa hora? voltei a endagar
- Sim é que ele está resfriado.

Então me convidou a subir até o quarto de Clóvis.

Depois conversando com ele a respeito de como tinha apanhado o resfriado, que foi muito engraçado, sei de sua casa faltando quinze minutos para às cinco horas.

Emfim, fui para um convite rápido e acabei fazendo uma visita demorada ao amigo,

MACROSEQUÊNCIAS	SEQUÊNCIAS	ACONTECIMENTOS	PREDICADOS		ATUANTES														
			Processo	Ação	Propriedade	Humano		Inanimado	Tempo	Lugar									
						Agente	Paciente												
1. Introdução ←	1. Prec ↓ Seq	1. Lembrança do amigo	-	Lembrar amigo do passado e coisas boas sobre o futuro, pequenas	-	Marcos	Marcos	Passado	16 de julho de 1980, tarde da quinta-feira	Local de trabalho									
											2. Prec ↓ Seq	2. Resolução	-	Resolver visitar amigo	-	Marcos	Antonio Carlos	-	(idem)
	3. Prec ↓ Seq	3. Chegada	-	Chegar	-	Marcos	-	8 h	casa do amigo										
										4. Prec ↓ Seq									
	5. Prec ↓ Seq	5. Música	-	Ouvir son	-	Marcos	Antonio Carlos	-	(idem)										
										6. Prec ↓ Seq	6. Resposta	-	Responder que trabalha em eletrônica, esteve num banco, via e gosta sozinho	-	Antonio Carlos	-	-	-	(idem)

MACROSEQUÊNCIAS	SEQUÊNCIAS	ACONTECIMENTOS	PREDICADOS		ATUANTES					
			Processo	Ação	Propriedade	Humano		Inanimado	Tempo	Lugar
						Agente	Paciente			
2. Complicação ← 3. Ação ← 4. Resolução ← 5. Conclusão ←	4. Prec ↓ Seq	7. Recordação do passado	-	Relembrar episódio, detalhes, nome das	-	{ Marcos Antonio Carlos }	-	-	6 anos atrás, nesse meio tempo	(idem)
	9. Negação da tristeza	-	Fingir não estar triste	-	-	-	(idem)			
								10. Continuação da conversa	-	Planejar o futuro da amizade
	5. Prec ↓ Seq	11. Despedida	-	Despedir-se	-	Marcos	Antonio Carlos			
								12. Partida	-	Sair para ver a namorada

A descrição das cinco redações por meio de instrumento foi efetuada segundo as normas operacionais já citadas, tendo se configurado conforme os quadros números 2, 3, 4, 5, 6 e 7. Os resultados alcançados são analisados abaixo:

Narrativa A — Predominam as ações, nos predicados, e os agentes humanos. Há a presença de um atuante inanimado, que desencadeia a narrativa. O tempo é antes subjetivo do que objetivo e o espaço é cuidadosamente delimitado. A macrosseqüência se ressent de uma seqüência não motivada, a 4ª, que justamente representa a resolução da complicação. A macrosseqüência introdutória é devidamente fechada pela conclusiva.

Narrativa B — Há predomínio de predicados por ações e de atuantes humanos agentes. O tempo é marcado pelo relógio e o espaço delimitado geográfica e socialmente. Entre os atuantes humanos domina o eu. Quanto às seqüências, a narrativa apresenta a última como motivação da primeira, por antecipação. A articulação básica das seqüências é **convite a realizar-convite não realizado**, enfatizando a fundação da macrosseqüência de complicação.

Narrativa C — Predominam, nos predicados, as ações, com coocorrência de propriedades. Entre os atuantes, todos humanos, o eu é mais freqüente. O tempo é marcado ora pelo relógio, nas seqüências **chegada-visita-saida**, e por eventos sociais nas seqüências derivadas destas. O espaço é descrito geográfica e socialmente. Os acontecimentos se duplicam, através de expansões, por detalhamento das ações correlatas. Há presença de seqüências devidas ao acaso e não a relações de causa-efeito, tais como a 2ª e a 3ª, em que as conseqüências se dão internamente, em alguns acontecimentos. É visível, na macrosseqüência de complicação, o papel dos atuantes inanimados.

Narrativa D — Predominam os predicados por ações psicológicas, o que redunde em maior freqüência do atuante humano eu. O tempo é pouco marcado, bem como o espaço, o que demonstra interiorização dos acontecimentos. Nas macrosse-

qüências, aparece a 3ª não realizada, de modo que o desenvolvimento permanece em aberto: **combinação de encontro — (não) realização do encontro**. A macrosseqüência de complicação ressalta-se entre as demais, por não se resolver conforme a motivação inicial.

Narrativa E — Nos predicados, o predomínio é de ações ligadas à memória e à comunicação. Os atuantes humanos agentes são mais freqüentes, surgindo um inanimado com função central para a macrosseqüência de complicação. A macrosseqüência introdutória é longa, enquanto a de ação é brevíssima, salientando a função do passado como motivação inicial. Semelhantemente, o atuante recebe maior destaque do que o espaço, que é apenas social. Embora os atuantes humanos sejam mais freqüentes, os inanimados é que determinam o desenvolvimento.

Uma interpretação genérica de tais dados analíticos permite concluir que, quanto à estruturação macrosseqüencial, as cinco redações revelam ênfase em algum dos estágios, ou por alongamento ou por abreviação e que a macrosseqüência de complicação no mais das vezes é motivada por um atuante inanimado, fora do alcance da ação humana. No conjunto, o tempo interior sobressai sobre o do relógio e o espaço social sobre o geográfico. A predominância absoluta dos atuantes humanos agentes não impede que suas ações intencionadas se frustrem por obra do acaso. Apenas na narrativa A, em que o narrador introduz como macrosseqüência de ação um acontecimento casual forçado, a intenção se realiza.

Vê-se, daí, que o instrumento sugerido proporciona uma descrição razoavelmente exaustiva e acessível, mostrando as falhas e os acertos na formação do texto narrativo e as relações entre os vários componentes e níveis de articulação, sem ignorar o aspecto semântico, gerador, na estrutura profunda dos enunciados, das configurações superficiais. Poderá, talvez, ser empregado no ensino e correção de textos narrativos escolares, o que apenas uma testagem experimental poderá comprovar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 Veja-se HARRIS, Zellig. *Analyse du discours*. *Linguages*, Paris, Larousse, 13:8-45, 1969.
- 2 Cf. CHOMSKY, Noam. Aspectos da teoria da sintaxe. In: SAUSSURE, Ferdinand de et al. *Textos selecionados*. São Paulo, Abril, 1975.
- 3 Veja-se La *estructura de una teoría semántica*. Mexico, Siglo Veintiuno, 1976.
- 4 Cf. SCHMIDT, Siegfried J. *Lingüística e teoria do texto*. São Paulo, Pioneira, 1978.
- 5 Veja-se HALLIDAY, M.A.K. et al. *The linguistic sciences and language teaching*. London, Longman, 1964.
- 6 Cf. CHAROLLES, Michel. Introduction aux problèmes de la coherence des textes. *Langue Française*, Paris, Larousse, 33:74-41, mai, 1978; e COMBETTES, Bernard. Thématisation et progression thématique dans les récits d'enfants. *Langue Française*, Paris, Larousse, 33:74-86, 1978.
- 7 PROPP, Vladimir, cf. LÉVI-STRAUSS, Claude, A estrutura e a forma. In: —. *Antropologia estrutural dois*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1976, p. 121-51.
- 8 Cf. LÉVI-STRAUSS, Claude. A gesta de Asdiwal. In: — id. *ibid.*, p. 152-205.
- 9 Veja-se BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: — et al. *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis, Vozes, 1971. p. 18-58.
- 10 Cf. BREMOND, Claude. A lógica dos possíveis narrativos. In: BARTHES, Roland et al. *id. ibid.*, p. 109-135.
- 11 Cf. GREIMAS, A. J. Geremias. Elementos para uma teoria da interpretação da narrativa mítica. In: BARTHES, Roland et al. *id. ibid.*, p. 59-108.
- 12 Consulte-se VAN DIJK, Teun A. Gramáticas textuais e estruturas narrativas. In: CHABROL, Claude et al. *Semiótica narrativa e textual*. São Paulo, Cultrix, 1977. p. 196-229.
- 13 A tradução brasileira parece conter imprecisões ao transcrever as fórmulas originais. Entre colchetes e seguidos de ponto de interrogação estão as suposições da Autora quanto aos símbolos corretos.